

CAPÍTULO 10

EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS E O OLHAR DA PSICOLOGIA: PROCESSOS DE SEXUALIDADE E OPRESSÃO

Juliana Cristina Viecheneski

Mestre em Psicologia pela Universidade Tuiuti do Paraná
Docente na Faculdade Sant'Ana (IESSA) – Ponta Grossa – Paraná – Brasil –
Bacharel em Direito e Licenciando em Artes Visuais
Email: jviecheneski@gmail.com

RESUMO

Entender a relevância do trabalho do psicólogo ante a necessidade de se pensar a educação sexual nas escolas torna-se importante para que haja melhoria da qualidade de vida e saúde para os estudantes. Da mesma maneira, as aulas são essenciais para se desconstruir a visão parcial da educação sexual em um regimento moral desestruturado. Diante disso, o objetivo geral da pesquisa foi necessário compreender o papel do psicólogo na educação sexual, em ambiente escolar, em sua importância. A partir de estudo bibliográfico e com abordagem qualitativa, os resultados corroboram para se pensar a importância da educação sexual nas escolas, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. No entanto, ao psicólogo cabe edificar postura ativa e reflexiva, com trabalhos voltados ao coletivo, mas também com entendimento individual. Nesse ponto, a postura é importante para uma escuta qualificada e sem julgamentos, assim como no entendimento das faixas etárias em suas relações. O estudo coopera para se pensar a educação sexual como forma de trazer esclarecimento de dúvidas individuais ou coletivas, assim como não relegar apenas a família a responsabilidade de ensinar a respeito da sexualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Educação sexual; dúvidas; conservadorismo; Psicologia.

INTRODUÇÃO

Analisar a educação sexual enquanto processo de aprendizagem escolar se traduz em uma experiência de ordem complexa, ampla e necessária, seja porque permite a construção de um conhecimento sólido a respeito das sexualidades ou mesmo porque permite o conhecimento e legitimação das identidades sociais e individuais socialmente constituídas. Da

mesma maneira, pensar a educação sexual nas escolas também é uma forma de trazer visibilidade para o tema, possibilitando aos alunos a denúncia ou percepção de casos de abuso ou assédio, dentre outras muitas particularidades.

Diante disso, o trabalho direcionado, interdisciplinar e qualitativo voltado para a promoção de projetos vinculados com a educação sexual é válido na estruturação de discussões teóricas articuladas com ênfase prática inscrita na realidade social dos estudantes. Assim, o problema de pesquisa se colocou na seguinte questão: como o psicólogo pode contribuir para que haja aproximação com a educação sexual e aprendizagem estudantil relacionada com a vivência corporal de sexualidade saudável?

Diante disso, os objetivos foram traçados. Assim, como objetivo geral, foi necessário compreender o papel do psicólogo na educação sexual, em ambiente escolar, em sua importância. Como objetivos específicos, foi necessário compreender o que é educação sexual na esfera escolar e destacar quais são as atribuições do psicólogo no atendimento aos estudantes e em projetos relacionados com a área do conhecimento em questão.

A justificativa da pesquisa encontra-se vinculada com a necessidade de entender que a educação sexual é de essencial relevância para a formação humana. As relações do sujeito com o próprio corpo ou com o corpo de outrem são vistas, em muitas realidades, a partir de tabus historicamente e sociologicamente constituídos. No entanto, a partir de aprendizagens múltiplas realizadas a respeito do corpo masculino e feminino, assim como no entendimento de gênero, torna-se possível vislumbrar a crise desses tabus. Da mesma maneira, é possível compreender que a Psicologia contribui para uma percepção mais nítida e humanizada da sexualidade, assim como no trabalho pela identidade, nas relações com o corpo, as aceitações e rejeições, dentre outras particularidades.

Em relação aos termos metodológicos, a pesquisa possui natureza básica, com utilização de processo qualitativo na construção dos resultados e possibilidade de escrita de texto discursiva, em nível dissertativo e explicativo. É relevante observar que os estudos de natureza básica inserem dinâmicas textuais válidas para que a ordem explicativa seja trazida, priorizando as informações mais abrangentes.

Foram priorizadas pesquisas em Língua Portuguesa, mas outros estudos relevantes, mesmo que em outros idiomas, também foram inseridos e dialogados. Pesquisas não relacionadas ao tema ou que não se proponham ao desenvolvimento da temática foram excluídas, assim como textos mais antigos ou com menor relevância para a resposta da pergunta problema.

DESENVOLVIMENTO

A educação sexual é objeto de diferentes discussões em esfera jurídica, social, filosófica e educacional. Dentre os principais aspectos discutidos, encontra-se a viabilidade do ensino, a formação de um currículo

capaz de atender as demandas de aprendizagem de cada faixa etária, a capacitação docente para o trabalho em sala de aula, a falta de material didático para o trabalho e as dificuldades de parte da sociedade civil em compreender a relevância da educação sexual no viés psicológico (FURLANETTO et al, 2018).

Historicamente, é importante considerar que a educação sexual faz parte de um processorecente de estruturação educacional no Brasil, visto que o currículo foi pautado para privilegiar processos teóricos e documentais, como a Matemática e a Língua Portuguesa. Outras disciplinas foram sendo incorporadas com o tempo, como História, Geografia, Ciências e Filosofia. No entanto, os currículos eram engessados em temáticas estruturadas nos conhecimentos europeus (FURLANETTOet al, 2018).

Aliás, nas aulas de Ciências, os estudosrelacionados com a anatomia humana foram incorporando conhecimentos relativos à sexualidade, no plano teórico. Vale lembrar que o corpo masculino e feminino eram objetosde tabus até o início do século XX, o que também incidia sobre os processos associadoscom a sexualidade. As esferas do corpo eram permeadas em uma relação tênue entre o sagrado e o profano, entre o proibido e o permissivo, o que trouxe invisibilidade e opressão para as questões relativas ao corpo (FURLANETTO et al, 2018).

Com os avanços nas Ciências Biológicas e melhoria dos conhecimentos médicos, ossaberes do corpo foram sendo desmistificados. Mas ainda a Igreja fazia enfrentamento a padrões, considerando o conservadorismo, o matrimônio, a submissão e a exclusão dos processos que envolvem o prazer e a sexualidade, vistos na esfera do repressivo. Ainda que mulheres e homens estivessem pautados nesse discurso, os impactos e seus desdobramentos descem mais sobre elas (BARBOSA; VIÇOSA; FOLMER, 2019).

De início, é importante ressaltar que a educação sexual pode trazer inúmeros benefícios para a formação cidadã. Segundo Barbosa, Viçosa e Folmer (2019), a educação sexual possibilita que haja maior conhecimento das crianças sobre o próprio corpo e sobre sua intimidade, de maneira a conhecer o que é normal e o que não é, assim como as áreas pelas quais não deseja ser tocada.

Em relação aos adolescentes, a educação sexual possibilita o conhecimento de temasfundamentais, como a gravidez na adolescência e o uso de preservativos, dentre outros muitos aspectos. Mesmo a população adulta e idosa se beneficia de educação sexual, seja para entender as mudanças decorridas no corpo, aspectos da libido ou conhecimento de si mesmo em relação aos outros. Diante dessascontribuições, a educação sexual precisa ser frisada de maneira capacitada e integrada a umcurrículo que traga o viés transformador da educação (BARBOSA; VIÇOSA; FOLMER, 2019).

A relevância da educação sexual perpassa o processo de atendimento psicológico em diferentes instâncias, mas Figueiró (2020)

destaca que, na maioria dos casos, a situação é apresentada ao psicólogo após sua ocorrência ou com a constatação da gravidade da situação. Em outras palavras, muitas famílias buscam apoio psicológico quando ocorrem incertezas e rejeições do próprio corpo ou mesmo quando abusos são suspeitos ou constatados.

Diante disso, o trabalho de prevenção e educação para a saúde deve ser realizado em particularidade e preocupação significativa, corroborando para que o psicólogo tenha ação antecipada e para que o processo preventivo seja melhor edificado. No entanto, essa prevenção precisa ser analisada diante de cenário de rupturas e permanências, pois as formas de interação entre alunos ou com professores na escola podem apresentar variações, assim como o trabalho do psicólogo nas estratégias tomadas pode não surtir o efeito previsto (FIGUEIRÓ, 2020).

Ainda é nítido considerar que a educação sexual não ocupa lugar específico nos livros didáticos. Ainda que o Plano Nacional do Livro Didático enfatize tal forma de conhecimento, as maneiras de atuação se efetivam nas aulas de Ciências ou Biologia, dependendo da fase escolar em que a criança se encontra. Assim, a atenção dada aos livros didáticos é relevante, mas as considerações trazidas apontam para parcialidade nas abordagens, assim como menor potencial de um trabalho transdisciplinar, pois alguns editores e autores tem colocar temáticas de cunho mais polêmico e ter de cancelar contratos (FIGUEIRÓ, 2020).

Assim, em uma lógica de mercado, a utilização de saberes e práticas associadas como educação sexual pode trazer implicações não previstas, o que afasta alguns livros da escola. Da mesma maneira, ainda há membros da família dessas crianças que não entendem a relevância da educação sexual, o que traz dificuldades para um trabalho qualitativo e direcionado. Nesse ponto, a educação tem espaço na construção dos conhecimentos, mas sua ênfase não é tratada da maneira devida (FERREIRA; PIAZZA; SOUZA, 2019).

Portanto, sob a ótica da psicologia escolar, enfatizada no viés clínico e associada, em grande parte dos casos, a educação sexual pode ser trabalhada em sala de aula a partir de planejamentos que constem as competências e habilidades necessárias ao exercício da atividade em suas considerações.

A relevância do plantão psicológico é expressiva e pode ser considerada como medida diagnóstica importante (FERREIRA; PIAZZA; SOUZA, 2019).

Mesmo assim, ao psicólogo caberia ter um espaço privativo com o qual o desenvolvimento do atendimento possa ser efetuado. Muitas escolas não possuem tal espaço, ou mesmo tempo para atuação. Dessa forma, é importante que haja sistematização da atenção mediante políticas públicas voltadas para o atendimento a esses estudantes. A formulação ou reforço de políticas associadas com a educação sexual pode coibir a violência, assim como trabalhar de maneira mais específica com as desigualdades

(FERREIRA;PIAZZA; SOUZA, 2019).

Em síntese, percebe-se que tal momento é escasso em tempo e qualidade, assim como há associação biológica mais extensiva nesse processo. Assim, é essencial tornar humanizado o processo de aprendizagem, o que produz significação e entendimento das particularidades que envolvem a sexualidade (RIBEIRO; MONTEIRO, 2019).

Outro ponto que precisa ser verificado nessa ótica da elaboração de projetos e propostas vinculados com a educação sexual se faz com a presença do psicólogo na escola, em forma permanente. No entanto, tal estrutura ainda está distante do orçamento previsto pelo Estado e as condições colocadas para esse profissional precisam delimitar a capacitação docente e o atendimento aos alunos (RIBEIRO; MONTEIRO, 2019).

Em muitos casos, a ação do psicólogo pode auxiliar em questões diversas, como o Burnout, mas é válido verificar que a ação do psicólogo nos múltiplos contextos se faz de modo ativista, ou seja, saindo de sala de aula e ingressando em outros meios e espacialidades dos alunos. Ademais, a educação sexual precisa ser desmistificada nas relações com os tabus existentes, pois ainda há conservadorismo religioso e tradicional nas estruturas de poder e influência que regem os comportamentos e que são ensinados no decorrer da vida. Tais prerrogativas precisam ser indagadas e modificadas para que haja maior qualidade na aceitação e nas identidades (RIBEIRO; MONTEIRO, 2019).

Da mesma maneira, a ação do psicólogo traz redução das violências e desigualdades, com ensino e orientação a respeito da educação sexual. Isso porque o entendimento das sexualidades desconstrói desigualdades, o que evita estereótipos racistas, sexistas e homofóbicos. Em relação ao comportamento, tais considerações são importantes para se pensar na escola como veículo promotor de desigualdades e violência (se há omissão), ou no enfoque voltado a uma cultura de paz (quando não há omissão) (CARVALHO; JARDIM; GUIMARÃES, 2019).

Dessa maneira, verificar o trabalho do psicólogo nas aulas de educação sexual pode ir além de palestras isoladas e outras atividades realizadas de forma esporádica com as turmas, mas implica em reconhecimento de que a sexualidade não está ligada apenas a relação sexual, mas a todos os aspectos que envolvem a identidade pessoal e coletiva, mediante as individualidades e o entendimento de si e dos outros (CARVALHO; JARDIM; GUIMARÃES, 2019).

Alguns estudos cooperam para se pensar a relevância do papel da Psicologia no atendimento a adolescentes e crianças, em forma interdisciplinar e multiprofissional, especificamente junto a professores e psicólogos. Inicialmente, é válido verificar que ações coletivas podem ter impactos diretos para os adolescentes, mas as percepções mais importantes em relação ao trabalho edificado podem ser melhor averiguadas nas individualidades, ou seja, em conversas com os estudantes (BATISTA et al, 2021).

Em relação a crianças, a prevenção de abusos é fundamental, assim como a percepção de gestos e linguagens que possam indicar aos profissionais a tomada de decisão em prol da preservação da integridade e da aprendizagem, assim como a busca dos devidos procedimentos legais na proteção, conforme destacado em Estatuto da Criança e do Adolescente.

Mesmo assim, a educação sexual ainda é vista como problema escolar, atrelado a aspectos de distanciamento cotidianos. Para muitos adolescentes, o entendimento do corpo se dá em um momento de isolamento e individualidade, com aspectos que consideram dominantes, mas outros que são fragmentados (CARVALHO; JARDIM; GUIMARÃES, 2019).

O bullying praticado contra alguns estudantes pode ter relação direta ou indireta com a falta de compreensão dessas particularidades e a educação sexual colocada em sala de aula pode corroborar para melhor compreensão das mudanças, projeções e defasagens, assim como na otimização de conhecimentos que tragam possibilidades de interação profissional capaz de esclarecer dúvidas e propor atenção diretamente vinculada com a melhoria da qualidade de vida desses estudantes (BEDIN; MUZZETI; RIBEIRO, 2020).

Nesse viés, é fundamental destacar que a falta de educação sexual nas instituições escolares ainda traz outras problemáticas, como questões vinculadas à falta de autonomia das mulheres e desigualdades de gênero. Em relação aos adolescentes, a falta de educação sexual ainda pode trazer maiores riscos de gravidez na adolescência ou mesmo infecções sexualmente transmissíveis, como a sífilis e a AIDS (BEDIN; MUZZETI; RIBEIRO, 2020).

Assim, o trabalho psicológico pode trazer melhorias para se pensar tais questões, assim como promove desenvolvimento de um pensamento autônomo e responsável, de maneira que haja conhecimento prático capaz de evitar tais intercorrências (BEDIN; MUZZETI; RIBEIRO, 2020).

Assim, pensar as questões que envolvem a educação sexual é também verificar as práticas vinculadas com a saúde pública em articulação com aspectos educacionais. Isso porque o entendimento da sexualidade permite uma compreensão mais efetiva das inseguranças e construções sociais direcionadas ao corpo. Como educação transformadora, o processo inclusivo também significa as questões relativas a sexualidade em suas particularidades, na elaboração de planejamentos integradores e no intuito de levar clareza para os alunos (SARTORI, 2022).

Segundo Furlanetto et al (2018), programas de educação continuada podem trazer amplitude de conhecimentos e diálogos mediados em prol de uma potencialidade educacional mais inovadora e atenta aos detalhes. É essencial compreender que muitos professores e psicólogos não possuem formação inicial acadêmica focada nessas percepções, o que desdobra o problema para esferas mais complexas de resolução, principalmente quando o abuso sexual já está configurado. A resolução passa a ser mais efetiva na esfera preventiva, ou seja, para que os abusos sejam denunciados ou não ocorram, com ações afirmativas e atitudes das próprias crianças e

adolescentes em delatar os agressores.

Diante desse viés, a formação continuada pode ser realizada pelo psicólogo, com utilização de tecnologias, conhecimentos de saúde, percepção da realidade hospitalar e das unidades básicas de saúde, relatos de experiências, assim como conhecimentos técnicos que possam ser utilizados pelos docentes em sala de aula. Em relação aos pais e familiares, também é válido que o psicólogo atue na realização de palestras e orientações, visto que parte dos abusos podem decorrer dentro da família. Assim, oportunizar conhecimento científico especializado é essencial para práticas mais coerentes e com maior viabilidade de sucesso (FURLANETTO et al, 2018).

A partir de entrevistas realizadas com estudantes de escola pública, Salvador e Silva (2018) analisam as contribuições da enfermagem e da Psicologia no trabalho junto a adolescentes, que relataram ter a escola como espaço para orientação na vivência da sexualidade, assim como na abertura facilitada e científica para tratar do tema. Na pesquisa em questão, os sujeitos se apresentaram seguros e com confiança no trabalho dos professores, vistos como capazes de trazer os saberes de formas múltiplas e compartilhadas, sem que houvesse qualquer tipo de constrangimento.

Porém, nesse mesmo estudo, os docentes relataram que tinham maiores dificuldades em ingressar com os assuntos para adolescentes em fase inicial, ou seja, entre 9 e 11 anos. Isso porque muitos ainda associavam o tema a brincadeiras e tinham dúvidas que, para os docentes, “não poderiam ser sanadas naquele momento”. A enfermagem possui papel de oportunizar formas mais didáticas de interação com os estudantes, respeitando a faixa etária e enfatizando aspectos científicos de forma dialógica e compartilhada. A Psicologia possui função de trazer clareza para as denúncias e omissões e a trabalhar em prol da saúde mental. (SALVADOR; SILVA, 2018).

Um dos modelos de Intervenção Psicológica, citado por Araújo (2002), como forma de amenizar os sintomas de Transtorno de Estresse Pós-Traumático, uma das principais consequências já citadas anteriormente, é a aplicação de protocolos de tratamento, voltados tanto para o modelo individual quanto de grupo terapia. Caracterizando aqui a abordagem Cognitivo- Comportamental, por meio da psicoeducação, reestruturação cognitiva, ensaio cognitivo, cartões de enfrentamento, treino de habilidades sociais, contingentes de reforços intra e extra grupo, prevenção de recaída, *role play* como encerramento.

Um exemplo de método que pode ser aplicado como forma de Intervenção Primária, é a Educação Sexual, que para Spaziani e Maia (2015), se caracteriza com um ato de prevenção da violência sexual infantil, defendendo que deve ser aplicada já na Educação Infantil, pois permite que as crianças reflitam sobre a sexualidade, corpo e gênero, questionando os valores hegemônicos sobre a sexualidade transmitida pelas mídias e instituições. Essa técnica segundo as autoras, podem ser trabalhadas por meio de critérios de possibilidade de intervenção; maneiras de prevenir em

sala de aula; educação para a sexualidade da educação infantil; educação para a sexualidade enquanto maneira de prevenir a violência sexual infantil.

No que tange à educação sexual para prevenção de abuso, torna-se fundamental pensar em formas estratégicas de trabalhar com cada público de forma distinta, respeitando as especificidades de cada aluno em suas construções e percepções. Mas é importante também verificar, segundo Spaziani e Maia (2015), que compreender a respeito da educação sexual é possibilitar ao professor um trabalho interdisciplinar e multiprofissional. Quanto ao psicólogo atuante em escolas, é nítido que tais conhecimentos também permitem os processos didáticos, de modo que as considerações feitas em sala tenham respaldo científico e as possíveis dúvidas possam ser esclarecidas com viabilidade técnica e científica.

Ademais, é nítido apontar que a educação sexual precisa ser estruturada diante de bases sólidas, pensadas estrategicamente e com atendimento das demandas ofertadas na educação pública ou privada. Tais bases permitem a aproximação entre teoria e prática, com canalização de conhecimentos para o professor e o psicólogo, de maneira distinta ou semelhante, dentro do planejamento da escola e do professor. O planejamento do atendimento do psicólogo precisa estar em concordância com o aspecto prático, de maneira que os alinhamentos tragam coerência e clareza para o pensamento do aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos selecionados colaboram para repensar a importância da educação sexual nas escolas, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. No entanto, ao psicólogo cabe edificar postura ativa e reflexiva, com trabalhos voltados ao coletivo, mas também com entendimento individual. Nesse ponto, a postura é importante para uma escuta qualificada e sem julgamentos, assim como o entendimento das faixas etárias em suas relações.

Outro ponto observado entre os autores é a preocupação com um tipo de conservadorismo religioso eminente, que entende a educação sexual de forma estereotipada e difunde uma imagem de que tal forma de educação antecipa a sexualização infantil. Essa difusão ideológica, além de complicada para o desenvolvimento de um processo de aprendizagem significativa e coerente com preceitos éticos e científicos, ainda demoniza professores e psicólogos que buscam trazer a educação sexual em seus objetivos e intencionalidades.

Ademais, o psicólogo precisa compreender o alcance dos projetos escolares, a formação docente de qualidade na percepção de problemas que envolvam a sexualidade, assim como na ação direta envolvendo a escola e a família. Cada um desses processos exige capacitação e um trabalho qualitativo e direcionado em prol do alcance da meta de ofertar educação sexual, em forma inclusiva e científica.

Diante disso, a pesquisa alcançou objetivo de compreender o papel

do psicólogo na educação sexual, em ambiente escolar, em sua importância. O estudo corrobora para se pensar a educação sexual como forma de trazer esclarecimento de dúvidas individuais ou coletivas, assim como não relegar apenas a família a responsabilidade de ensinar a respeitosa sexualidade.

Em alguns casos, aliás, a educação sexual serve para perceber abusos dentro da própria família. Desse modo, para que a educação seja transformadora, é essencial que traga o discurso da multiplicidade e que contribua para melhoria da aprendizagem em inúmeros dos conteúdos estruturados e das formas de ação percebidas nas práticas educativas.

Existem dificuldades e facilidades na realização de pesquisas nessa temática. Em suma, percebeu-se que existe uma quantidade significativa de pesquisas relacionadas ao tema, muitas delas com mais de 10 anos de publicação, indicando temática recorrente em diferentes campos acadêmicos. Além disso, há estudos de diferentes níveis em idioma local, corroborando para melhoria das práticas.

Quanto às dificuldades, percebe-se que há pesquisas diversas a enfatizar a educação sexual como forma de alcance de melhoria dos conhecimentos para os estudantes, mas a realidade demonstrada ainda é problemática, com muitos estudos indicando a necessidade de melhorias. Assim, o avanço do campo está associado com ações teóricas e práticas em aproximação, na formação inicial ou continuada.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria de Fátima. Violência e abuso sexual na família. **Psicologia em estudo**, p. 3-11, 2002.

BARBOSA, Luciana Uchôa; VIÇOSA, Cátia Silene Carrazoni Lopes; FOLMER, Vanderlei. A educação sexual nos documentos das políticas de educação e suas ressignificações. **Revista Eletrônica AcervoSaúde**, v. 11, n. 10, p. e772-e772, 2019.

BATISTA, Mikael Henrique Jesus et al. Atuação do enfermeiro na educação sexual na adolescência no contexto escolar. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 1, p. 4819-4832, 2021.

BEDIN, Regina Celia; MUZZETI, Luci Regina; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. A institucionalização do conhecimento sexual no Brasil: sexologia e educação sexual do século XIX aos nossos dias. **Humanidades & Inovação**, v. 7, n. 27, p. 71-88, 2020.

CARVALHO, Laisy Giordana Lopes; JARDIM, Marcela Coelho; GUIMARÃES, Ana Paula Martins. Educação sexual na perspectiva dos temas transversais: uma revisão de literatura. **Educationis**, v. 7, n. 2, p. 19-29, 2019.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação Sexual no dia a dia**. Eduel, 2020.

FURLANETTO, Milene Fontana et al. Educação sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática da literatura. **Cadernos de pesquisa**, v. 48, p. 550-571, 2018.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal; MONTEIRO, Solange Aparecida. Avanços e retrocessos da educação sexual no Brasil: apontamentos a partir da eleição presidencial de 2018. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 14, n. 2, p. 1254-1264, 2019.

SALVADOR, Marli; SILVA, Eliete Maria. Programa Saúde na Escola: saberes e diálogos na promoção da educação sexual de adolescentes. **Tempus-Actas de Saúde Coletiva**, v. 12, n. 1, p. ág. 73-82, 2018.

SARTORI, Thiago Luiz. Análise da educação brasileira em face ao estudo da sexualidade: marginalização da educação sexual na BNCC. **DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, p. e022001-e022001, 2022.

SILVA, Maria Aparecida Guimarães et al. Papel da enfermagem na educação sexual de adolescentes. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 2, p. e3951125585- e3951125585, 2022.

SPAZIANI, Raquel Baptista; MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. **Educação para a sexualidade e prevenção da violência sexual na infância: concepções de professoras**. Rev. psicopedag., São Paulo, v. 32, n. 97, p. 61- 71, 2015